

ARQUEOLOGIA E PÓS-VERDADE: RELATO DE AÇÕES EXTENSIONISTAS NO ENFRENTAMENTO DA PSEUDOARQUEOLOGIA

Juliana de Resende Machado

Docente do Colegiado de Arqueologia e
Preservação Patrimonial - UNIVASF
E-mail: juliana.machado@univasf.edu.br

Gabriel Lopes Baião

Discente do curso de Arqueologia e
Preservação Patrimonial - UNIVASF
E-mail: gabriel.baiao@discente.univasf.edu.br

Ana Carolina Gomes Ribeiro

Discente do curso de Arqueologia e
Preservação Patrimonial - UNIVASF
E-mail: anacarolinagomesribeiro2@gmail.com

Michelly Pereira Santos

Discente do curso Técnico em Administração - IFPI
E-mail: michelly.pereira0313@gmail.com

RESUMO

Em um contexto marcado pela desinformação e pela era da pós-verdade, o projeto de extensão “*Pseudoarqueologia se combate com ciência*” buscou enfrentar as narrativas fantasiosas que competem com o conhecimento arqueológico. O projeto foi desenvolvido na disciplina Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica com estudantes do primeiro período do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Campus Serra da Capivara. Três eixos temáticos foram abordados: falsificações arqueológicas, pseudoarqueologia e desvendando fake News em pesquisa arqueológica. As ações resultaram na produção e apresentação de pôsteres no VI Culturarque, voltados à conscientização de estudantes do ensino fundamental e médio sobre os riscos de uma arqueologia delirante e à valorização da ciência e do patrimônio cultural. A atividade propiciou o exercício da crítica epistemológica, ao discutir o papel da ciência na construção do conhecimento e na preservação do patrimônio. Conclui-se que iniciativas dessa natureza fortalecem o pensamento crítico e a relação entre universidade e sociedade frente à desinformação científica.

Palavras-chave: Pseudoarqueologia; Arqueologia delirante; Desinformação; Metodologia científica; Ação de extensão.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos um momento marcado pela propagação da desinformação, fenômeno que alguns autores vêm relacionando com a era da pós-verdade. Este termo foi utilizado pela primeira vez em 1992 por Steve Tesich, ao refletir sobre como a sociedade norte-americana, farta de mentiras e escândalos políticos, passou a aceitar versões convenientes da realidade em

vez de buscar a verdade (Oxford Languages, 2016). Atualmente, o conceito designa o descrédito que fatos objetivos verificáveis têm na formação da opinião pública, em favor de crenças ideológicas e convicções pessoais (McIntery, 2018). Embora a desinformação não seja um fenômeno recente, as dinâmicas comunicacionais da internet e o controle exercido pelas *big techs* sobre a circulação das informações conferem a ela um alcance maior e grande rentabilidade financeira.

Se na esfera política a pós-verdade mina o debate público, no campo da arqueologia ela alimenta narrativas fantasiosas da pseudoarqueologia que competem com o conhecimento científico. A disciplina foi pontualmente marcada por histórias fantasiosas, falsificações ou interpretações equivocadas, criadas para alavancar ou destruir o prestígio acadêmico de algum arqueólogo, movimentar o mercado de comercialização de material arqueológico ou sustentar ideologias coloniais (Feder, 2020). O paradigma evolucionista e difusionista do século XIX contribuiu para isso ao hierarquizar as sociedades humanas entre “primitivas” e “civilizadas”, deslegitimando o saber técnico e simbólico de povos não europeus. Tais narrativas, hoje amplamente desacreditadas pela academia (Langer, 1997), deixaram, contudo, um rastro persistente sobre o passado, explorado por agentes contemporâneos da desinformação.

Atualmente, grupos e plataformas com grande alcance digital promovem conteúdos pseudoarqueológicos nas redes sociais. Sob o disfarce de revelar “a verdade que os arqueólogos não querem contar”, promovem o sensacionalismo e a confusão entre fato e ficção. Suas práticas articulam-se com as novas condições tecnológicas e políticas do poder, em que a viralização da mentira se converte em lucro e influência. Inspirando-se em Tiburi (2019) entendemos esse fenômeno como a emergência de uma arqueologia delirante. A autora entende o delírio como uma “radical desorganização dos pensamentos e da linguagem e uma crença absoluta em algo, por mais absurdo ou estapafúrdio que o objeto dessa crença possa ser” (Tiburi, 2019). Os delírios estão em confronto com a realidade, confundem a realidade, a ponto de aniquilá-la. Quando alcançam uma dimensão coletiva, causam danos por vezes irreversíveis para as sociedades. E o discurso da arqueologia delirante, ao distorcer a realidade e promover crenças absurdas, atua politicamente para enfraquecer o pensamento crítico e anular o vínculo entre ciência e sociedade.

A persistência da pseudoarqueologia na disseminação dessa arqueologia delirante constitui, assim, um desafio contemporâneo com consequências epistemológicas e sociais. Ela contribui para o apagamento da história e da memória dos povos indígenas, fragiliza a confiança pública na ciência e banaliza o patrimônio arqueológico. Em São Raimundo Nonato, região de

excepcional relevância arqueológica, essa problemática é particularmente sensível. Notícias recentes sobre avistamento de fenômenos relacionados a objetos voadores não identificados (OVINIs) criam um contexto propício para a propagação de discursos pseudoarqueológicos. Favorecem a exploração sensacionalista da região e ameaçam a credibilidade da pesquisa científica, abrindo espaço para interpretações que negam a autoria humana das pinturas rupestres e desvalorizam a herança cultural dos povos indígenas.

Diante desse cenário, o presente relato apresenta o projeto de extensão “Pseudoarqueologia se combate com ciência”, desenvolvido na disciplina Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica, ofertada no primeiro semestre de 2025¹ no curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF – Campus Serra da Capivara. Nosso objetivo é analisar e relatar as experiências formativas decorrentes dessas ações, destacando seus efeitos na formação dos discentes e na conscientização da comunidade sobre os riscos da desinformação.

2 EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO

O projeto envolveu estudantes do primeiro período, organizados em três grupos temáticos: *Falsificação em arqueologia*, *O que é pseudoarqueologia?* e *Desvendando fake news em pesquisa arqueológica*. Ao longo do semestre, aprofundamos nas discussões sobre o surgimento histórico do conhecimento científico, suas transformações e diferenças em relação a outros tipos de conhecimento. Os estudantes correlacionaram esses conteúdos aos subtemas, elaborando pequenos projetos de ação extensionista e materiais de divulgação em forma de pôsteres. Estes foram apresentados no VI Culturarque² – Patrimônio Cultural e Natural na Caatinga, no dia 13 de junho de 2025, para um público-alvo que compreende estudantes de escolas públicas e privadas, do ensino fundamental e médio, de São Raimundo Nonato e região, além dos demais discentes e docentes da UNIVASF.

O grupo responsável pelo subtema “O que é pseudoarqueologia?” fundamentou seu trabalho na publicação de Guida (2021). Os estudantes expuseram o significado da pseudoarqueologia como interpretação do passado sem base científica, ignorando evidências arqueológicas. Apresentaram narrativas fantasiosas como Atlântida ou alienígenas construtores de pirâmides e explicaram sobre o seu surgimento na segunda metade do século XIX, quando

¹ No quadro da curricularização da extensão em atendimento à Resolução CNE/CES n.7/2018, o Colegiado de Arqueologia optou por integrar as horas extensionistas nas disciplinas obrigatórias do curso (UNIVASF, 2021).

² O Culturarque é um evento cultural e extensionista organizado pela profa. Fátima Barbosa, docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Estudantes e professores do campus Serra da Capivara são convidados a divulgarem seus trabalhos de pesquisa e extensão.

pioneiros da arqueologia, movidos pelo fascínio e pela aventura, difundiram mitos e lendas. Essas histórias seguem populares em livros, filmes e jogos. Elas simplificam temas complexos e transmitem falsa autoridade. Por fim, os estudantes alertaram sobre os seus perigos: a pseudoarqueologia carrega racismo e colonialismo, nega a capacidade técnica e intelectual de povos antigos e reforça as ideologias nacionalistas. Além disso, ela se coloca no mesmo nível da ciência, descredibilizando os pesquisadores e fragilizando o pensamento crítico.

Já o grupo responsável pelo subtema “Falsificações arqueológicas” fundamentou sua pesquisa em informações fornecidas pelo Natural History Museum (s.d.) e o Smithsonian (2023). Apresentou para o público casos célebres de fraudes e discutiu seus impactos no conhecimento científico. Foram analisados episódios emblemáticos: o Homem de Piltdown, descoberto em 1912 na Inglaterra e considerado por décadas o “elo perdido”, mas posteriormente revelado como a junção de ossos humanos e de orangotango; as Caveiras de Cristal, vendidas como peças pré-colombianas a museus, porém identificadas como falsificações modernas por meio de análises microscópicas e da origem mineral. A falsificação arqueológica compromete as pesquisas, distorce a compreensão do passado e alimenta narrativas falsas que podem servir a interesses ilícitos e políticos. Desmistificar as falsificações arqueológicas é uma forma de proteção da história e da credibilidade científica, reforçando a necessidade de pensamento crítico na análise de evidências e na divulgação do conhecimento.

Por fim, o grupo que trabalhou com o tema “Desvendando *fake news* em pesquisa arqueológica”, discutiu os perigos da desinformação aplicada ao patrimônio arqueológico e apresentou estratégias para identificar notícias fraudulentas. O grupo destacou que, no Brasil, as pesquisas arqueológicas só podem ser realizadas legalmente com autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e sob responsabilidade de instituições reconhecidas, como universidades e museus. Além disso, a profissão de arqueólogo foi regulamentada em 2018, o que facilita a verificação da legitimidade de profissionais e pesquisas. Basearam-se nas orientações de PPGH Assessoria de Imprensa (2022) para identificar as desinformações arqueológicas: verificar a existência de autorização do IPHAN; identificar a instituição apoiadora da pesquisa; conferir a formação do arqueólogo responsável; e comparar as informações com a produção científica já consolidada. O grupo reforçou que o conhecimento é construído coletivamente e precisa ser submetido à crítica entre pares e amplamente divulgado. Finalmente, ressaltaram a importância da educação patrimonial, especialmente com crianças, como forma de desenvolver senso crítico, identidade cultural e pertencimento.

A reação do público às apresentações foi, em sua maioria, de surpresa, especialmente ao desmistificarmos histórias conhecidas sobre o passado humano. Muitos não tinham consciência de que fraudes e desinformações aconteciam também na arqueologia. Também percebemos um grande envolvimento nas discussões. Consideraram as temáticas bem interessantes e ressaltaram a importância do assunto, ainda pouco discutido nos projetos de extensão. Tivemos uma boa interação com um professor, que elogiou a iniciativa e ressaltou que a atenção às *fake news* deve se estender a todas as áreas da pesquisa científica.

Os trabalhos receberam elogios do público e foram destacados como uma das apresentações mais interessantes do evento. Também houve incentivos para levá-lo à Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Scientex) da UNIVASF. Esses retornos nos surpreenderam positivamente. Como alunos do primeiro período, esperávamos críticas mais duras. No entanto, elas foram construtivas e ajudaram a lidar melhor com a apresentação em eventos públicos.

A principal mensagem que buscamos transmitir foi a importância de manter um pensamento crítico e de questionar as informações que chegam até nós pelas redes sociais, reforçando a necessidade de buscar fontes confiáveis — especialmente em um cenário de crescente uso das inteligências artificiais e de disseminação de desinformação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Pseudoarqueologia se combate com ciência” alcançou seus objetivos ao promover uma reflexão crítica sobre os impactos da desinformação no campo da arqueologia e na sociedade. As ações desenvolvidas pelos estudantes permitiram articular teoria e prática, aproximando os conteúdos da disciplina de Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica de problemáticas contemporâneas, como a pós-verdade, as pseudociências e a banalização do conhecimento científico. A experiência demonstrou o potencial formativo da extensão universitária na construção de um olhar crítico sobre o papel social da arqueologia e sobre a responsabilidade ética do pesquisador frente à circulação de informações falsas.

As interações com o público durante o VI Culturarque evidenciaram o interesse da comunidade em compreender os limites entre ciência e especulação, revelando também o quanto temas como a pseudoarqueologia e as falsificações ainda são pouco discutidos no ensino e na divulgação científica. A repercussão positiva, as críticas construtivas e o reconhecimento recebido reforçam a relevância do tema e o valor pedagógico da iniciativa. Esse projeto contribuiu para o amadurecimento acadêmico dos discentes e para o fortalecimento do vínculo entre universidade e sociedade no enfrentamento da desinformação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos(as) os(as) estudantes da turma de 2025.01 do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial matriculados na disciplina de Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica que participaram do projeto.

REFERÊNCIAS

- FEDER, Kenneth L. **Frauds, myths, and mysteries: science and pseudoscience in archaeology**. 10. ed. Nova York, Oxford University Press, 2020.
- GUIDA, Victor. **O que é pseudoarqueologia? Por que ela é um problema?** Arqueologia e Pré-história, (s.l.), 2021. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/>. Acesso em: 28 maio 2025.
- LANGER, Johnni. Mitos arqueológicos e poder. **Clio – Série Arqueológica**, Recife, v.1, n. 12, p. 109-125, 1997.
- MC INTYRE, Lee. **Post-truth**. Cambridge: MIT Press, 2018.
- NATURAL HISTORY MUSEUM. **Piltdown Man**. Londres: Natural History Museum, [s.d.] Disponível em: <https://www.nhm.ac.uk/our-science/services/library/collections/piltdown-man.html>. Acesso em: 28 maio 2025.
- OXFORD LANGUAGES. **Word of the Year 2016 is....** Oxford Languages, (s.l.), 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 03 out. 2025.
- PPGH ASSESSORIA DE IMPRENSA. **Verdade ou mentira? Como identificar as notícias falsas em pesquisas arqueológicas**. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, RS, 2022. Disponível em: <https://www.upf.br/ppgh/noticia/verdade-ou-mentira-como-identificar-as-noticias-falsas-em-pesquisas-arqueologicas>. Acesso em: 27 maio 2025.
- SMITHSONIAN. Skull, carved rock Crystal. [S.l]: Smithsonian, 2023. Disponível em: https://www.si.edu/object/skull-carved-rock-crystal%3Aanmnhanthropology_8552155. Acesso em: 28 maio 2025.
- TIBURI, Márcia. **Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- UNIVASF. **Projeto político pedagógico do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial**. São Raimundo Nonato, Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2021.